

# Concepções sobre indisciplina de professores da rede pública de Monte Alegre de Minas, Minas Gerais

Fernanda Duarte Araújo Silva<sup>1</sup>, Aline de Freitas Macedo<sup>2</sup>

## Resumo

O artigo apresenta o resultado de uma pesquisa, cujo objetivo foi identificar as concepções de indisciplina de profissionais que atuam na rede pública municipal de ensino de Monte Alegre de Minas, Minas Gerais. As questões que permearam a pesquisa foram: Na opinião dos professores da rede pública de Monte Alegre de Minas, o que é disciplina e indisciplina? Será disciplina propiciadora ou instrumento de autoritarismo da educação? Quem define as normas disciplinares da escola? Quem deve ser responsável pela construção das normas disciplinares? Como definem se os alunos são disciplinados ou indisciplinados? Como trabalham com a disciplina e indisciplina dos alunos? A natureza da pesquisa é qualitativa e, para fundamentar a análise dos dados, realizou-se uma revisão bibliográfica sobre o tema no contexto escolar. Os dados foram coletados por meio do instrumento questionário, aplicado a onze professores de quatro escolas de educação básica da rede pública do município. Em linhas gerais, identificou-se que, na visão dos professores pesquisados, a indisciplina é considerada como um fator de desobediência às regras, e a culpa disso recai, muitas vezes, na escola, nos próprios professores, nos alunos e nas famílias. Percebemos que o diálogo, assim como o trabalho coletivo devem estar mais presentes no âmbito escolar, na busca de uma educação libertadora, pois só assim poderemos contribuir com a formação de cidadãos mais ativos e atuantes em nossa sociedade.

## Palavras-chave

Disciplina. Indisciplina. Formação de Professores. Educação.

**1.** Doutora em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia; professora da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal, Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais. E-mail: fernandaduarte.facip@gmail.com.

**2.** Graduanda em Pedagogia na Faculdade de Ciências Integradas do Pontal, Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais. E-mail: freitasalinemacedo@gmail.com

# **Conceptions on public school teacher indiscipline in Monte Alegre de Minas, Minas Gerais, Brazil**

Fernanda Duarte Araújo Silva\*, Aline de Freitas Macedo\*\*

## **Abstract**

This article aims to report on the indiscipline of students in public schools. A complex society, full of contradictory signs, flooded by canals and streams of information "The issues involved in this study were: What is discipline and indiscipline in the opinion of public school teachers from Monte Alegre de Minas? Will discipline be used as authoritarianism or as an instrument for it in education? Who defines the school disciplinary rules? Who should be responsible for enforcing discipline? How to define if students are disciplined or undisciplined? How do students deal with discipline and indiscipline? Our aim was to identify the conceptions on indiscipline from the perspective of professionals who work in public schools in the city of Monte Alegre de Minas, Minas Gerais, Brazil. The nature of the research is qualitative and to support data analysis we conducted a literature review on the subject of discipline in the school context. Data were collected through questionnaires applied to eleven teachers who work in four schools of Basic Education of the public school system of Monte Alegre de Minas - MG. We realized that from the perspective of the teachers surveyed, indiscipline is considered as not obeying the rules and the blame is often placed on schools, teachers, students and family. We realized that dialogue as well as collective work should be more present in schools, with a view to achieving a liberating mode of education, so we can contribute to the formation of more active and engaged citizens in our society.

## **Keywords**

Discipline. Indiscipline. Teacher Training. Education.

\* PhD in Education, Federal University of Uberlândia; professor at the School of Integrated. Sciences at Pontal, Federal University of Uberlândia, Minas Gerais, Brazil. E-mail: fernandaduarte.facip@gmail.com.

\*\* Undergraduate in Pedagogy, School of Integrated Sciences at Pontal, Federal University of Uberlândia, Minas Gerais, Brazil. E-mail: freitasalinemacedo@gmail.com.

## Introdução

O presente artigo tem como objetivo apresentar uma reflexão desenvolvida no Curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal da Universidade Federal de Uberlândia (FACIP/UFU) sobre a indisciplina de alunos nas instituições escolares. Segundo Estrela (1992), os atos de indisciplina que ocorrem no ambiente escolar são decorrentes da interação entre a escola e o meio social e da própria violência da sociedade. E, se, segundo Alarcão (2008, p. 13), “vivemos hoje em uma sociedade complexa, repleta de sinais contraditórios, inundada por canais e torrentes de informação”, compreender essa relação entre indisciplina na escola e sociedade não é algo simples.

Por meio das discussões e leituras realizadas nas disciplinas Didática, Psicologia da Educação e Estágios Supervisionados, percebemos que a indisciplina representa “um transtorno não só para os professores, coordenadores pedagógicos, supervisores, diretores, mas, também, para os pais” (OLIVEIRA, 2005, p. 14). A partir disso, surgiu nosso interesse em identificar quais as concepções de indisciplina dos profissionais que atuam nas escolas públicas da cidade de Monte Alegre de Minas, Minas Gerais.

Com o intuito de subsidiar as análises dos dados, realizamos uma pesquisa bibliográfica sobre o tema indisciplina no contexto escolar. Acreditamos que, por meio deste tipo de pesquisa, podemos encontrar os saberes e outras pesquisas relacionados com nossa questão, e deles nos servir para alimentar nossos conhecimentos, afinar nossas perspectivas teóricas, precisar e objetivar nosso aparelho conceitual (LAVILLE; DIONNE, 1999 apud SANTAELLA, 2001). Entre os autores estudados, nos apoiamos em Aquino (1996); Caeiro e Delgado (2005); Oliveira (2005); Parrat-Dayan (2008); Vasconcellos (2004).

A pesquisa é de natureza qualitativa,

que segundo Godoy (1995, p. 62) “têm como preocupação fundamental o estudo e a análise do mundo empírico em seu ambiente natural”. Os dados foram coletados por meio do instrumento questionário, aplicado a onze professores que atuam em quatro escolas de educação básica da rede pública de ensino de Monte Alegre de Minas. A utilização de questionários constitui-se, conforme aponta Gil (1999), como uma técnica de investigação que possibilita o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.

Os sujeitos que participaram da pesquisa possuem idade entre 35 e 55 anos, atuam na educação básica há mais de 20 anos, possuem ensino superior em áreas diversificadas como Pedagogia, História, Geografia, entre outros, e ministram aulas da educação infantil ao ensino médio.

As questões que permearam a pesquisa foram: Na opinião dos professores, o que é disciplina e indisciplina? Será que a disciplina é propiciadora ou instrumento de autoritarismo da educação? Quem define as normas disciplinares da escola? Quem deve ser responsável pela construção das normas disciplinares? Como os professores definem se os alunos são disciplinados ou indisciplinados? Como os professores trabalham com a disciplina e a indisciplina dos alunos?

O objetivo central foi discutir as concepções dos professores sobre indisciplina. Contudo, percebemos, ao longo da pesquisa, que não é possível refletir sobre esse tema sem contemplar discussões sobre disciplina. A seguir, apresentamos a análise dos dados obtidos.

### **Indisciplina: as concepções dos sujeitos pesquisados**

A indisciplina tem sido alvo de discussão e preocupação por parte da escola, da família

e da sociedade, entre outros. Um fenômeno complexo, que não é novo para a escola e que se torna cada vez mais uma preocupação tanto no ambiente escolar quanto fora dele. Como nos aponta Oliveira (2005, p. 17), muitas vezes, “a preocupação principal do professor que deveria ser o processo de ensino-aprendizagem dá lugar para os problemas causados pela indisciplina”.

Para entendermos o fator indisciplina, buscamos refletir seu contraponto – a disciplina:

em grandes linhas, disciplinar significa participar do esforço civilizatório, e a escola nada mais faria que colaborar com este esforço geral. Ocorre, no entanto, que esta é uma visão idealista, uma vez que, na verdade, não existe civilização em geral, mas formas históricas de civilização, que, no nosso caso, corresponde ao modo capitalista de produção, com sua divisão em classes sociais antagônicas; portanto, na nossa realidade, no sentido geral, disciplinar corresponde à adequação à sociedade existente; significa, pois, inculcação, domesticação, resignação à exploração etc. (VASCONCELLOS, 2004, p. 46).

Percebemos que a maioria dos sujeitos pesquisados também coaduna com essa concepção. Dos onze professores, oito destacaram que a função da educação é a domesticação e reprodução daquilo que significa ser o essencial para uma sociedade. Vejamos algumas dessas respostas:

A educação tem a função de introduzir aos alunos conhecimentos, ideias, além da função social, onde é passado modos de conduta e valores que contribuem na formação do aluno enquanto cidadão. (Sujeito 6).

Garantir a reprodução social e cultural dos valores e conhecimentos necessários ao indivíduo para que ele seja plenamente integrado à socialização. (Sujeito 8).

Preparar cidadãos para viver em sociedade, preparando-os para escolher uma profissão. (Sujeito 9).

Segundo Bourdieu (1974, p. 71), a escola “é concebida como uma instituição a serviço da reprodução e da legitimação da dominação exercida pelas classes dominantes”. Talvez surja daí, então, essa associação da ideia de disciplina a de obediência, seja para manter o controle ou a obediência de todos para uma civilização geral.

Assim, na nossa sociedade, disciplina pode ser concebida a partir de seu caráter de domesticação. Oliveira (2005, p. 28) também faz essa observação ao afirmar que “disciplina corresponde justamente à adequação dos indivíduos a essa sociedade estratificada”. Neste processo, a escola é, muitas vezes, utilizada como reprodutora de um sistema ideológico, uma instituição voltada para a classe dominante, a fim de impor uma cultura sobre a outra, tornando a sociedade uma só e o poder nas mãos do Estado.

Percebemos que a escola extrai do contexto social essa ideia de disciplina, reproduzindo-a, a fim de manter uma ordem, manter o estabelecido. Temos, então, que a indisciplina está inteiramente ligada à disciplina, posto que a não submissão a uma ordem/norma terá como consequências sanções e castigos. Sobre essa questão, Oliveira (2005, p. 28) afirma:

O significado da palavra disciplina está vinculado a algo externo ao sujeito. Em geral, ela é imposta ignorando as opiniões, os desejos e valores daqueles que têm de se sujeitar a ela. Nesse sentido, a indisciplina está nitidamente ligada à disciplina, enquanto está entendida, pelo senso comum, como a manutenção da ordem e obediência às normas; a primeira significa a sua negação, ou seja, a quebra da ordem.

Diversos autores abordam o tema indisciplina, e basicamente todas as abordagens estão relacionadas ao não cumprimento de ordens estabelecidas, à desobediência, à negação, ao desrespeito e ao mau comportamento (OLIVEIRA, 2005).

Para Parrat-Dayan (2008), a disciplina pode ser compreendida como a submissão a

regras estabelecidas para uma boa conduta, e quem se opõe a elas está sujeito a castigos e sanções, sendo, assim, qualificado de indisciplinado, rebelde, desobediente; regras essas sempre impostas por aqueles que querem manter certo controle sobre uma pessoa ou um grupo, valendo-se de castigos e sanções como forma de punição ao não cumprimento delas.

No contexto escolar, a noção de indisciplina envolve a conduta do aluno (seu comportamento), que perturba o desenvolvimento de atividades propostas pelo professor em sala de aula, tais como: fazer barulho, bocejar, sair do lugar sem autorização, participar fora da sua vez, agredir verbal ou fisicamente os colegas, dizer asneiras, discutir com o professor, recusar sair da aula quando convidado a fazê-lo (JESUS, 1996 apud CAEIRO; DELGADO, 2005). Os fragmentos abaixo corroboram isso:

Indisciplina é bagunça, palavrões, falta de controle, falta de bons modos, falta de respeito com os colegas e com os demais envolvidos no processo escolar. (Sujeito 5).

Indisciplina é a desobediência de regras [normas] existentes numa instituição. No caso da sala de aula, indisciplina é quando o aluno não realiza tarefas, faz barulho durante as aulas, desrespeita colegas, professores e funcionários etc. (Sujeito 6).

A noção de indisciplina ligada ao comportamento do aluno em sala de aula desconsidera que esses alunos fazem parte de uma sociedade em constante transformação. Desconsidera também o papel do professor no atual contexto educacional. Ambos – aluno e professor – não mais portam papéis tão delineados:

com a crescente democratização política do país e, em tese, a desmilitarização das relações sociais, uma nova geração se criou. Temos diante de nós um novo aluno, um novo sujeito histórico, mas, em certa medida, guardamos como padrão pedagógico a imagem daquele

aluno submisso e temeroso. De mais a mais, ambos, professor e aluno, portavam papéis e perfis muito bem delineados: o primeiro, um general de papel; o segundo, um soldadinho de chumbo. É isto que devemos saudar? (AQUINO, 1996, p. 43).

Assim, é impossível ignorarmos a influência do contexto social no espaço escolar. Hoje, a escola deve refletir sobre o que considera indisciplina.

Para seis professores, dos onze pesquisados, a disciplina deve ser um processo de construção coletiva. Sobre a questão da indisciplina, dez deles utilizam termos como: falta de valores, desrespeito às normas, desobediência, desorganização:

É o desrespeito a essas normas. (Sujeito 1).

É o não cumprimento desta submissão. (Sujeito 2).

É a falta de valores humanos, tais como o respeito, o amor, a fraternidade, aspectos envolvidos na relação professor-aluno. (Sujeito 4).

A época e o contexto requerem mudanças quanto às expressões da indisciplina. Se existe disciplina apenas quando resultante do medo que o aluno tem de ser castigado ou da postura autoritária adotada pelo professor para estabelecê-la, ela se torna negativa, posto que mantém o aluno dependente, em vez de permitir que ele cresça e conquiste autonomia.

Entretanto, é evidente que disciplina não é necessariamente negativa. O respeito às regras existe em todos os jogos sociais e esportivos nos quais elas são a razão de ser e o vínculo entre os participantes. Imaginemos como seria se cada jogador de futebol jogasse da maneira que bem entendesse; cada músico de uma orquestra tocasse da maneira que quisesse, ou cada aluno agisse na escola da maneira que lhe fosse mais conveniente... Logo, pensar uma disciplina democrática é propagá-la para a formação de

cidadãos transformados e transformadores.

Entretanto, parece-nos que nem a escola e nem os professores estão preparados para essa democratização.

Se o objetivo for, por exemplo, a formação de um aluno crítico capaz de pensar e intervir na realidade social e exercer assim uma conduta cidadã, o exercício do pensamento crítico na escola pode tomar a forma de condutas de rebelião e criar situações de conflito com as quais os professores não estão suficientemente preparados para lidar. (PARRAT-DAYAN, 2008, p. 22).

Se a disciplina pode regular a conduta no sentido de permitir, proibir ou possibilitar, ela pode também viabilizar a criação. Para isso, o professor deve estar preparado para dar espaço para o aluno falar, expressar-se com liberdade, questionar e elaborar as suas próprias ideias.

A disciplina pode ser um fator propiciador da educação, como percebemos na fala de um dos professores pesquisados:

Sim, propiciadora da educação; disciplina no sentido verdadeiro leva à aprendizagem, ao entendimento, à valorização do cidadão, e a educação liberta. (Sujeito 7).

Assim, por que não pensar em uma autodisciplina? Uma disciplina que deixe de lado a alienação e busque uma forma mais consciente e interativa. Uma disciplina democrática, em que o sujeito possa se autogovernar e adequar seu comportamento às regras que lhe forem estabelecidas, desenvolvendo sua autonomia a fim de promover uma aprendizagem significativa, crítica, criativa e duradoura. Vasconcellos (2004, p. 49), afirma que deve-se “formar o aluno como pessoa capaz de pensar, de estudar, de dirigir ou de controlar quem dirige, ajudando a construir uma nova hegemonia”, o que nem sempre ocorre nos espaços escolares:

a instituição escolar, entendida como o

conjunto de educadores que nela atuam, tendo como parâmetros os seus próprios princípios e valores, adota normas que devem ser cumpridas pelos alunos, determinando um padrão de comportamento aceitável. (OLIVEIRA, 2005, p. 61).

Sobre essa questão abordada por Oliveira (2005), os sujeitos da pesquisa foram questionados sobre quem define as normas disciplinares da escola em que atuam. Do total de onze professores, apenas um afirmou ser um processo coletivo que envolve a participação de todos (gestores, docentes, discentes e comunidade escolar). Os demais afirmaram que as normas são construídas por gestores e docentes ou somente por gestores. Vejamos:

A direção juntamente com o corpo docente da escola. (Sujeito 2).

A diretora, a vice-diretora juntamente com a supervisora. (Sujeito 4).

Existe um regimento a ser seguido. Quando necessário ele é modificado pela direção da escola juntamente com o colegiado escolar, que é composto por membros da escola e da comunidade escolar. (pais, funcionários etc.). (Sujeito 6).

Acreditamos que a disciplina deve ser construída coletiva e gradativamente por todos os envolvidos no processo educativo, com respeito mútuo, reciprocidade e responsabilidade.

Ainda em relação às análises dos sujeitos pesquisados, quando questionados sobre “Quem deveria definir as normas disciplinares da escola?”, todos afirmaram que deveria ser uma construção coletiva, como podemos visualizar na fala abaixo:

Toda equipe escolar. Todo pessoal ligado direta ou indiretamente à educação. (Sujeito 8).

Sobre o trabalho coletivo, Vasconcellos (2004), destaca que, para alcançarmos a

disciplina, é fundamental um horizonte a ser buscado junto, com objetivos comuns. Como enfatiza Parrat-Dayan (2008, p. 8):

A disciplina não é um conceito negativo; ela permite, autoriza, facilita, possibilita. A disciplina permite entrar na cultura da responsabilidade e compreender que as nossas ações têm consequências. [...] Ser disciplinado não é obedecer cegamente; é colocar a si próprio regras de conduta em função de valores e objetivos que se quer alcançar.

Outro questionamento de pesquisa refere-se à concepção de aluno indisciplinado. Para quatro, dos onze sujeitos pesquisados, o aluno é indisciplinado quando não obedece/ segue as normas estabelecidas socialmente:

Indisciplinados, já trazem consigo a negação de valores errados alimentados na sociedade. (Sujeito 7).

Indisciplinados. Porque não seguem regras nem normas, eles querem fazer o que lhes der na telha, já que em casa não têm normas, limites, pois os pais ficam fora de casa o dia todo. (Sujeito 11).

De fato, as causas da indisciplina podem ser internas ou externas à escola. As causas externas “podem ser vistas na relativa influência dos meios de comunicação, na violência social e também no ambiente familiar”; já as internas, podem ser percebidas

nas condições de ensino-aprendizagem, na relação professor/aluno, no perfil dos alunos e na capacidade que eles têm de se adaptar aos esquemas da escola. (PARRAT-DAYAN, 2008, p. 55).

No que tange às causas de indisciplina externas à escola, o modelo capitalista pode ser um dos fios condutores desse problema. Vejamos o que Rodrigues (2007, p. 91) afirma sobre a questão:

As concepções de mundo, as ideias e os valores que as pessoas compartilham entre si e que ensinam a seus filhos e alunos não são dádivas do céu; são construídas na teia cotidiana de relações e interações. São invenções do homem, são construções sociais. E são sempre resultados dos conflitos e dos consensos que se estabelecem na sociedade, são fruto das relações de poder e da violência (física ou simbólica) que alguns grupos ou classes são capazes de exercer sobre outros.

Compreendemos que o ser humano vive em um contexto capaz de desencadear inúmeros fatores (desemprego, exclusão, domínio, divisão de classes etc.) e gerar transtornos incontrolláveis (violência, mídia, televisão etc.), incluindo fenômenos como a indisciplina.

Araújo (1996), baseado nos estudos realizados por Piaget (1994), afirma que entender o desenvolvimento moral do ser humano é essencial para encontrarmos as raízes da indisciplina, pois esta pode ter suas razões explicadas a partir da relação com a moralidade. Para Piaget (1994), a criança recém-nascida não conhece regras; com o passar do tempo e com sua interação com o mundo e os adultos, essa criança passa a pertencer a moral heterônoma – que segue regras à risca, ditadas por terceiros, sem entender por que precisam agir corretamente. Quanto mais essa relação da criança com o adulto vai se estreitando, mais vai havendo uma cooperação e um entendimento do que é ou não é moralmente aceito. Passa a existir a fase da autonomia, pois o sujeito sabe que existem regras para se viver em sociedade, e a fonte dessas regras está nele mesmo.

Um dos sujeitos pesquisados afirma que seus alunos, a priori “não concordam com as normas estabelecidas, mas, quando compreendidas, apresentam disciplinas satisfatórias” (Sujeito 9). De acordo com Piaget (1994), esses alunos se encontram na fase autônoma, ou seja, compreendem a existência de regras e a necessidade de obedecê-las. No entanto,

o fato de o aluno não cumprir as regras no ambiente escolar precisa ser analisado com cuidado, observando a natureza e a forma com que aquelas foram estabelecidas. Ou seja, o aluno considerado indisciplinado não necessariamente é imoral. Pelo contrário, imoral pode ser o professor, supervisor ou diretor, que impõem regras em benefício próprio, e espera que os outros somente obedeam! (ARAÚJO, 1996, p. 110).

A partir das interações que o sujeito estabelece com o mundo e com as pessoas que o cercam, decorre o desenvolvimento moral. No momento que ele passa a adquirir a consciência de que o respeito mútuo se sobrepõe à coerção e que todo dever emana de pessoas superiores, o ato desse sujeito evocará disciplina.

Todavia, o contexto social corrobora para as causas da indisciplina, interna e externamente à escola. Há articulações e relações que acarretam na origem de tamanhos fatores e que não são estritamente escolares. Nesse sentido, Aquino (1996, p. 41) afirma:

Da mesma forma que não é possível supor a escola como uma instituição independente ou autônoma em relação ao contexto sócio histórico (isto é, às outras instituições), não é lícito supor que o que ocorre em seu interior não tenha articulação aos movimentos exteriores a ela. Claro está também, que as relações escolares não implicam um espelhamento imediato daquelas extraescolares. Vale dizer que é mais um entrelaçamento, uma interpenetração de âmbitos entre as diferentes instituições que define a malha de relações sociais do que uma suposta matriz social e supra institucional, que a todos submeteria.

Para Parrat-Dayan (2008), a globalização provocou uma inevitável mudança social. A família (pais e responsáveis) está cada vez mais deixando as tarefas que lhe cabem como tal. Sobre a responsabilidade do professor na educação das crianças, um dos sujeitos pesquisados mencionou:

Nos dias atuais, o professor deve ser pai, mãe, psicóloga, médica, educadora e também mestra. E hoje mais do que nunca precisamos ensinar moral e bons costumes porque os pais não têm tempo para isso. (Sujeito 11).

A escola e professores perdem sua função/ identidade por terem, muitas vezes, que exercer funções da família, o que tem rebatimento na relação escola e família, que vêm mudando sensivelmente. A família deixa de confiar e “passa, de um lado, a criticar a escola, e, de outro, contraditoriamente, a transferir suas tarefas para a mesma”, aponta Vasconcellos (2004, p. 79).

Outra questão abordada nessa pesquisa refere-se à forma como é trabalhada a disciplina com os alunos. Para a questão, tivemos os seguintes resultados: dois professores não responderam; dois afirmaram que expõem as normas aos alunos; dois apresentam autoritarismo exacerbado; e cinco utilizam o diálogo como uma ferramenta para o trabalho com a disciplina, como ilustram as falas abaixo:

Muito diálogo, respeito e carinho. (Sujeito 3).

Tento mostrar a importância de priorizar ações, de aprenderem a ter visão de futuro sabendo que este é reflexo do presente. (Sujeito 7).

Sei que a indisciplina em sala de aula não se deve essencialmente às “falhas” psicopedagógicas, por isso tento ter um diálogo franco, entre olhares éticos. (Sujeito 8).

A construção do relacionamento humano é fundamental para o processo educativo. Na linha dos sujeitos que se apoiam no diálogo, em aulas interessantes, Vasconcellos (2004, p. 100) afirma:

Os próprios alunos percebem que uma classe unida, onde há calor humano, respeito, aceitação, é motivo de “dar gosto vir para a escola”, ajudando, inclusive, cada um a lidar com seus “defeitos”, com seus limites.



Assim, na relação baseada no diálogo, o aluno torna-se sujeito ativo no processo ensino-aprendizagem e estreita sua relação com o professor, o que contribui para o seu processo de formação como cidadão atuante e reflexivo.

No que tange à análise de autoritarismo do professor, um dos questionados afirmou:

Disciplina e respeito são partes da educação. Exigindo bom tratamento, diante de todos na escola, não permitindo palavrões, agressões e críticas. (Sujeito 5).

Podemos depreender dessa fala a relação de poder existente, na qual o professor se coloca como diretivo. Segundo Parrat-Dayan (2008, p. 70) “O líder ‘autoritário’ ou ‘autocrático’ concentra todo o poder, é diretivo e controlador. [...] Ele não justifica tais decisões nem as explicita”.

Oliveira (2005, p. 29) destaca que:

A princípio, essa concepção de bom aluno como sendo “bem comportado, obediente, cumpridor de suas tarefas” pode parecer apropriada, já que, se assim for, pode-se conseguir “dar uma boa aula”. Porém, se fizermos uma reflexão mais profunda veremos que precisamos superar este entendimento, pois temos como premissa que a questão da disciplina deve envolver a formação do caráter, da cidadania e da consciência das pessoas.

Na concepção dos sujeitos pesquisados, a disciplina está inteiramente ligada à existência de regras, e a indisciplina a não submissão a elas. Na fala desses professores, encontramos alguns argumentos que implicam a disciplina como formadora do caráter, da cidadania e da consciência das pessoas. Entretanto, o destaque são as falas em que eles se referem à indisciplina enquanto negação e não submissão de regras construídas socialmente.

## Considerações finais

Percebemos que, na concepção dos professores pesquisados, a indisciplina é considerada como um fator de desobediência às regras; muitos deles culpando a organização da escola, os próprios professores, os alunos e família pela indisciplina no contexto escolar. Não percebemos no discurso desses sujeitos a relação entre a indisciplina dos alunos e a organização social como um todo, muitas vezes considerada violenta, opressora e excludente. Sobre essa relação escola e sociedade, Alarcão (2008, p. 15) afirma que: “Para intervir, é preciso compreender. A educação, como muitos outros sectores da vida em sociedade, está em crise”. Assim, os alunos que estão na escola, vivem em um contexto social indisciplinado, individualista e competitivo.

Na tentativa de amenizar a indisciplina escolar é necessário que entendamos a escola como um todo, e principalmente que ela não deveria reproduzir um sistema excludente como tem sido até hoje.

Consideramos que a disciplina é necessária, mas enquanto um processo de formação de seres críticos, reflexivos e atuantes. Concordamos com Vasconcellos (2004) que existem duas formas de estabelecer disciplina, uma com caráter de “educação autoritária” e outra “dialético-libertadora”, podendo obter os mesmos efeitos com cada uma delas, mas as consequências são bem diferentes.

Em linhas gerais, identificamos, por meio dessa pesquisa, a necessidade de que o diálogo, assim como o trabalho coletivo, esteja mais presente no âmbito escolar, na busca de uma educação libertadora, pois só assim poderemos contribuir com a formação de cidadãos mais conscientes e atuantes no meio em que vivem.

## Referências

- ALARCÃO, I. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2008. (Coleção Questões da Nossa Época).
- AQUINO, J. G. A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996. p. 39-55.
- ARAÚJO, U. F. de. Moralidade e indisciplina: uma leitura possível a partir do referencial piagetiano. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996. p. 103-116.
- BOURDIEU, P. Reprodução cultural e reprodução social. In: \_\_\_\_\_. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- CAEIRO, J.; DELGADO, P. **Indisciplina em contexto escolar**. Porto Alegre: Instituto Piaget, 2005. (Coleção Horizontes Pedagógicos).
- ESTRELA, M. T. **Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula**. Porto: Porto Editora, 1992.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr. 1995. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n2/a08v35n2.pdf>>. Acesso: 26 nov. 2013.
- OLIVEIRA, M. I. de. **Indisciplina escolar**: determinações, consequências e ações. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.
- PARRAT-DAYAN, S. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. Tradução de Silvia Beatriz Adoue e Augusto Juncal. São Paulo: Contexto, 2008.
- PIAGET J. **O juízo moral na criança**. São Paulo: Summus, 1994.
- RODRIGUES, A. T. **Sociologia da educação**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.
- SANTAELLA, L. **Comunicação e pesquisa**: projetos para mestrado e doutorado. São Paulo: Hacker Editores, 2001.
- VASCONCELLOS, C. dos S. **(In) Disciplina**: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. 15. ed. São Paulo: Libertad Editora, 2004. (Cadernos Pedagógicos do Libertad).

Submetido em 16 de julho de 2015.

Aprovado em 14 de outubro de 2015.